

---

## As perguntas de Camões

*Camões' questions*

Kenneth David Jackson

*Yale University*

[...] o contrário de que se julga, não são tanto as respostas que me importam [...] mas as perguntas [...] observe como elas costumam ter, ao mesmo tempo, um objectivo à vista e uma intenção que vai escondida atrás [...] (Saramago, 2005, p. 17).

Não serão as perguntas a *única forma* de saber realmente *concedida*? (Lins, 1976, p. 57).

### DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1348>

### RESUMO

Camões coloca perguntas sem respostas ao longo de toda a sua obra poética, sejam retóricas ou metafísicas. Por meio de um questionamento rigoroso e direto, essas perguntas iluminam o dilema existencial, o estado de espírito, o pensamento e os paradoxos da época de viagens marítimas, do desconcerto de um mundo deslocado e da futilidade de qualquer esperança de contentamento. Ao questionar a possibilidade da existência da poesia em terras estranhas, Camões reforça a necessidade de sua presença, dos seus ideais duradouros e da persistência do fazer poético.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perguntas; Desconcerto; Viagem; Exílio.

**ABSTRACT**

Camões poses unanswered questions to the reader throughout his poetry, from rhetorical to metaphysical. His questions capture the existential predicament and paradox of his age, that of the world against itself, the disconcert of nature, and the futility of his hopes. By questioning the very nature and possibility of poetry in a world of exile, Camões confirms its irrepressible ideals and its persistence through the rigorous and unrelenting self-analysis of this direct questioning.

**KEYWORDS:** Questions; Disconcert; Voyage; Exile.

Em um dos seus sonetos mais íntimos e expressivos, Camões pergunta: “Que poderei do mundo já querer?” (Camões, 1988, p. 296). Tal questão poderia ser colocada por um recipiente de todos os excessos que a vida oferece, porém, com a pergunta, Camões afirma a antítese.

Nega qualquer esperança – “Mas em vida tão escassa / que esperança sera forte?” (Camões, 1988, p. 497) –, na expectativa de uma vida de “desgosto, & desamor, / E morte enfim, que mais não pode ser.” (Camões, 1988, p. 296). Jorge de Sena (1980, p. 19) afirma que poucos poetas que viajaram tanto quanto Camões – que sofreu indignidades, degradação e miséria – escreveram com uma visão tão trágica e serena da humanidade, capaz de dramatizar e questionar de uma maneira genial o fluir do pensamento humano.

Na sua obra, Camões faz centenas de perguntas que após 500 anos continuam a intrigar os seus leitores. Uma das razões da sua persistência é que elas ficam sem resposta, nem poderiam ser respondidas, por não serem interrogativas na acepção clássica, mas constativas, reflexivas e meditativas. Refletem o seu pensamento e as suas viagens, marcam as dúvidas e o drama da época, observam a realidade racional e objetivamente. As perguntas de Camões podem ser classificadas como figuras de pensamento unidas pela força desafiante

da sua forma interrogativa. A sua energia, em parte, sai da tensão inerente à falta de respostas. Tais faltas muitas vezes conduzem a outras questões e algumas até formam interrogações, numa tentativa de chegar a outras camadas de significação. A retórica de interrogação também dá forma à estrutura da lírica camoniana, deslocando a expressão por diálogos dramatizados, a maioria imaginados, sejam dirigidos a um interlocutor, uma abstração, uma senhora, um leitor ou ao poeta por si mesmo. Jorge de Sena (1980, p. 25-26) nota que, ao repetir o formalismo estilístico do género romance, por paráfrase ou variação, Camões abre uma porta que revela a consciência criativa no espaço aberto entre a emoção e a expressão intelectual dela.

No ensaio “Shakespeare’s questions”, Kevin Curran (2016) sugere que a permanência de perguntas pode ser responsável pelo poder duradouro das obras do dramaturgo britânico que continuam a chamar nossa atenção após quatro séculos. Camões emprega perguntas de uma maneira comparável ao criar um ponto profundo de pensamento, emanando das suas observações, análises e avaliações de uma experiência singular, formada pelo mundo português no Oceano Índico, a “carreira da Índia,” a experiência máxima do seu tempo, numa primeira fase dos impérios marítimos. Sena descreve-o como poeta de genialidade e invenção, que, por separar o intelecto das emoções poéticas, aprendeu a ler e a escrever entre as linhas, “que faz que leia mais do que vê escrito” (Camões, 1988, p. 341).

As perguntas de Camões confrontam e reagem à realidade absolutamente nova da sua situação: forçado a evitar a prisão e viajar para a Índia em 1553, foi o primeiro poeta da sua época a atravessar o Equador, escreveu poesia europeia na Ásia por quase duas décadas, numa deslocação radical da sua formação clássica e memória infalível da lírica e épica clássicas e renascentistas. As perguntas, como a totalidade da obra camoniana, seguem essa trajetória e sondam as dificuldades do seu exílio e do seu pensamento,

em casos de isolamento, desesperança, resignação e mudança, numa nova “vida pelo mundo em pedaços repartida” (Camões, 1988, p. 311). Como afirma João Hansen (2005), “[...] sua poesia condensa de maneira absolutamente comovente a experiência histórica de seu mundo, porque o núcleo da sua arte é o pensamento do tempo no pensamento da forma.” Dessa maneira, o seu pensamento, continua Hansen (2005), é “[...] a comoção intelectualmente controlada da experiência do espanto com a falta aparente de sentido da própria experiência formulada poeticamente, não obstante com total proporção e graça”.

Mais do que uma retórica, proponho aqui que as perguntas de Camões constituem uma filosofia, uma expressão do mundo barroco marítimo que, muito ao contrário dos seus desejos, tornou-se o centro da sua experiência como poeta no exílio. Essa filosofia interrogativa nasce do conceito do desconcerto do mundo, centrado na ordem política, linguística e cultural da expansão marítima, que Camões dramatiza num longo poema dedicado a D. António de Noronha, 11.º Vice-rei da Índia. O desconcerto do mundo é o mundo desafinado, de ordem invertida, conceito-chave cuja exposição e definição encontram-se em três oitavas de perguntas que se iniciam:

Quem pôde ser no mundo tão quieto?  
Ou quem terá tão livre o pensamento?  
Quem tão experimentado e tão discreto,  
Tão fora, enfim de humano entendimento?  
Que ou com publico efeito, ou com secreto,  
Lhe não revolva & espante o sentimento,  
Deixando-lhe o juízo quase incerto,  
Ver e notar do mundo o desconcerto?  
(Camões, 1988, p. 368-369).

Em face do desconcerto, desordem e desarmonia do mundo, Camões acrescenta mais uma antítese aos seus versos: “Que na doudice só consiste o siso” (Camões, 1988, p. 372).

Para investigar um mundo marítimo que impressiona pelos mistérios da natureza, as perguntas de Camões são notáveis pelas observações precisas e até científicas, abrangendo fenômenos que observa, como o fogo de santelmo, as trombas de água e as tempestades marítimas, incluídos numa pergunta que abrange a natureza toda: “Quem haverá que, sem o vêr, o creia?” (*Lus.*, V, 81, 5). O poeta é consciente do seu papel de viajante-observador de realidades desconhecidas, de pessoas diferentes, ao ponto de considerar as suas próprias viagens superiores aos exemplos clássicos de Eneas e Ulíesses:

Ousou algum a ver do mar profundo  
 Por mais versos que dele se escrevessem,  
 Do que eu vi, a poder desforço e de arte,  
 E do que inda hei de ver, a oitava parte?  
 (*Lus.*, V, 86, 5-8).

Não obstante tudo que aprendeu, Camões reconhece a aura de mistério superior que permeia as viagens, levando-o a sempre questionar a ordem surpreendente do mundo e até de imaginar outros mais: “Que me daua que o mundo se acabara? / Ou que a ordem mudasse a natureza?” (Camões, 1988, p. 372).

### CRÍTICAS DA EXPANSÃO

Com as perguntas, Camões solidifica a sua oposição aos propósitos da expansão e ocupação de outras terras, depois de observar em primeira mão tudo que o historiador Fernão Lopes de Castanheda contou na *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses* (1551-1561). No Canto IV d’*Os Lusíadas*, enquanto os marinheiros zarpam de Belém, as suas esposas questionam a ética e até a

legalidade da partida: “Porque is aventurar ao mar iroso / Essa vida que he minha, & não he vossa?” (*Lus.*, IV, 91, 3-4). O Velho do Restelo então solta uma série de perguntas, numa única estrofe do poema, que vão ao cerne do projeto colonial:

A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas  
Debaixo dalgum nome preminente?  
Que promessas de reinos, e de minas  
D’ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometerás? que histórias?  
Que triunfos, que palmas, que vitórias?  
(*Lus.*, IV, 97, 1-8).

Haverá melhor maneira de comunicar um forte argumento do que numa pergunta?

Embora o episódio do Velho do Restelo seja bem conhecido, há outra denúncia das conquistas comparável na Oitava dedicada a D. António de Noronha, que abre “Quem pode ser no mundo tão quieto?”. Depois de considerar os apetites de grandes reis para conquista e fama – “dominar e mandar tudo / com fama larga e pompa sumptuosa” (Camões, 1988, p. 370), Camões tem uma pergunta:

Mas pergunto ora a Cesar esforçado,  
Ou a Platão divino, que me diga  
Este das muitas terras em que andou,  
Essoutro de vencê-las, que alcançou?  
(Camões, 1988, p. 370).

E tem uma réplica poderosa à resposta do Cesar: “César dirá: ‘Sou di(g)no de memória; vencendo vários povos esforçados / Fui monarca do mundo, e larga história / Ficara dos meus feitos sublima-

dos” (Camões, 1988, p. 370-71). Ao que responde Camões, “É verdade; mas esse mando e gloria / Lograste-o muito tempo?” (Camões, 1988, p. 371).

## EXÍLIO

Camões contempla nas suas perguntas e dúvidas as condições extremas do exílio forçado como poeta-soldado na Ásia. Dirige-se diretamente às dificuldades e angústias que o assolam:

Males que contra mi[m] vos conjurastes,  
 Quanto há de durar tão duro intento?  
 [...]  
 porque cuidastes  
 Derrubar meu tão alto pensamento?  
 (Camões, 1988, p. 283).

E sente a perda de qualquer esperança: “Se quanto vos perdi minha esperança / ah, grão tormento / Que mal pode ser môr?” (Camões, 1843, p. 13). Certo que quaisquer lamentos ou queixas serão insuficientes – “Mas quem pôde algüa hora / Medir o mal com lágrimas ou gritos?” (Camões, 1988, p. 322) –, o poeta sugere que não se sentiria tão desesperado não fossem as constantes memórias de tudo que deixara para trás: “Que mal pode ser môr, que no meu mal / Ter lembrança do bem qu’he ja perdido?” (Camões, 1843, p. 13). Por que não considerar a sua vida terminada: “Mas como não é morta / A triste vida já, que tanto dura”? (Camões, 1988, p. 344). Chega a questionar a razão de continuar a escrever a poesia que, com o passar do tempo, revelaria o seu génio: “Pera que quero a glória fugitiva, / De uma esperança vã que me atormente?” (Camões, 1988, p. 299).

Na Canção X, Camões caracteriza os seus sofrimentos como puras verdades, mesmo que pudesse desejar que fossem fábulas sonhadas. Num estado de resignação racional, embora melancólica, admite

num soneto que qualquer expectativa de melhora ficaria sem base na realidade: “Que tempo não curou, nem longa ausência / Que bem delle esperais; desejos tristes?” (Camões, 1595, p. 14v). Vítor Aguiar e Silva ensina que há uma mudança na melancolia maneirista e, como se fosse descrever Camões, caracteriza a melancolia maneirista por “[...] uma doença, uma patologia do corpo e da alma, uma sombria disposição do espírito em que o génio e a excecionalidade das faculdades criadoras se fundem com o sofrimento, a angústia e a loucura” (Silva, 1944, p. 214). Assim, num momento de uma melancolia quase faustiana, Camões interroga as alucinações que continuamente lhe aparecem como fantasmas, cujas ilusões sombrias parecem tentar seduzi-lo com sonhos de contentamento:

Que fantasia é esta, que presente  
Cada hora ante meus olhos me mostrais?  
Com sonhos, & com sombras atentais  
Quem nem por sonhos pode ser contente?  
(Camões, 1988, p. 291).

### **OS PRAZERES E DORES DO AMOR**

Uma das dores mais agudas do exílio foi a sua separação do ambiente e da lírica cavalheirescas e da idealização de mulheres nobres. Com suas perguntas, Camões queixa-se dos tormentos do amor: “Que gênero tão novo de tormento / teve amor, que não fosse, não somente / provado em mim, mas todo executado?” (Camões, 1988, p. 323). Com a retórica, o poeta ainda tenta persuadir essas belezas idealizadas a demonstrar o seu afeto e os seus amores: “Por que te não abranda o fogo ardente / Que precede de tua fermosura / Por que escondes a luz do sol a gente?” (Camões, 1988, p. 393). Pronuncia-se resignado a sofrer a dor do seu apego não correspondido:

Se pena por amar-vos se merece,  
 Quem dela livre esta? ou quem isento?  
 Que alma, que razão, que entendimento  
 Em ver-vos se não sende, mas esquece?  
 (Camões, 1988, p. 297).

Sentir-se perdidamente enamorado é, dentro da lógica do romance cavaleiresco, uma vitória: “Só na vista a de uns olhos tão serenos, / Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?” (Camões, 1988, p. 352). Helder Macedo encontra nessas mal escondidas sugestões precursoras de apelos de outros poetas às suas amantes: “o tom é leve, mas a intenção é semelhando àqueles apelos mais sérios de John Donne e o *carpe diem* de Andrew Marvell a seu ‘Coy Mistress’ quase um século depois” (Macedo, 1998, p. 54)<sup>1</sup>.

Ao empregar uma antítese barroca para comunicar os sentimentos, Camões transforma a dor em prazer imaginado: “Que maior bem deseja quem vos ama / Que estar desabafando seus tormentos, / Chorando, imaginando docemente?” (Camões, 1988, p. 309). O propósito do jogo amoroso é ser conquistado pela pessoa que ama: “Se sinto tanto bem só na memória / De vos ver, linda dama, vencedora, / Que quero eu mais que ser vossa a vitória?” (Camões, 1988, p. 352-353). Mas na cena da Ilha Namorada d’Os *Lusíadas*, o marinheiro Leonardo questiona o fingimento implícito no jogo de provocação amorosa:

Todas de correr cansam, Ninfa pura,  
 Rendendo-se à vontade do inimigo;  
 Tu só de mi só foges na espessura?  
 Quem te disse que eu era o que te sigo?  
 (*Lus.*, IX, 77, 1.).

<sup>1</sup> No original: “The tone is light but the meaning is similar to that of John Donne’s more serious pleas and Andrew Marvell’s *carpe diem* to his own ‘Coy Mistress’ almost a century later”

Num soneto frequentemente comentado que define o amor por paradoxos e oxímoros – é um fogo que arde sem se ver, uma ferida que não se sente, um contentamento descontente –, Camões questiona como o amor pode ser universal, sendo ao mesmo tempo tão contrário à própria natureza: “Mas como causar pode seu favor / Nos corações humanos amizade / Se tão contrário a si é o mesmo Amor?” (Camões, 1988, p. 270). Ainda duvida se esse amor ilógico é ele mesmo um fingimento ou engano: “Mas esta fantasia se me mente? / O ocioso & cego pensamento?” (Camões, 1988, 273). Na explicação de Macedo (1998, p. 51), “o amor, para Camões, é uma primeira causa, um processo existencial e o principal propósito dos trabalhos humanos. Pelo amor, o apetite transforma-se em razão e razão em conhecimento”<sup>2</sup>. É o conceito que governa a psicologia pela qual os amantes transformam-se no objeto do seu amor, por constante imaginação, até o amor virar ideia pura: “Se nela está minha alma transformada / Que mais deseja o corpo de alcançar?” (Camões, 1988, p. 301).

### **IMAGINAÇÃO**

O que me impressiona como verdadeiramente extraordinário nas perguntas de Camões é a surpreendente imaginação e a profundidade do pensamento, a sua habilidade de mudar a expressividade da língua e da realidade, ao revelar as situações difíceis e os paradoxos da sua época, o desconcerto do mundo, dos homens e da natureza. Não abandona o idealismo filosófico ao enfrentar as contradições e armadilhas das viagens, sendo confrontado constantemente pela sem-razão e estranha condição do exílio. Ainda assim, Camões acredita que o poder da imaginação pura pode transformar a realidade:

---

<sup>2</sup> No original: “Love, for Camões, is a first cause, an existential process and the ultimate purpose of human quest. Through love, appetite is transformed into reason and reason into knowledge.”

Mas para onde me leva a fantasia?  
 Porque imagino em bem-aventuranças,  
 se tão longe a Fortuna me desvia  
 que inda me não consente as esperanças?  
 (Camões, 1988, p. 373).

Ao viajar, Camões enfrenta um desafio existencial, o de um poeta europeu exilado em terras e mares asiáticos, que busca na sua memória uma filosofia constituída pela perda do passado, combinando geografia e sentido poéticos. Confrontado com a alienação e o peso inexorável do tempo, escreve um monólogo dramático sobre o seu destino, que equivale ao próprio “to be or not to be” (“ser ou não ser”) Shakespeariano. Dirige-se à melancolia e às recordações que o distraem das realidades do seu novo meio e “estranha condição” de além-mar:

Que me quereis perpetuas saudades?  
 Com que esperança ainda m’enganais?  
 Que o tempo que se vai, não torna mais,  
 E se torna, não tornam as idades.  
 (Camões, 1988, p. 294).

Reparem na imaginação prodigiosa da frase “E se torna...”. Em um mundo deslocado e desafinado, a passagem linear do tempo pode ser interrompida ou suspendida. O tempo – sempre constante e linear – talvez pudesse voltar, mas se voltasse, se ele se repetisse, a realidade não seria a mesma. O tempo “existiria e não existiria,” na esfera do “to be or not be” hamletiano, ideia que pela pura imaginação acrescenta um significado transformador a uma das perguntas mais dramáticas e prescientes que Camões, igual a tantas outras perguntas, espalha ao vento, “Que poderei do mundo já querer?” (Camões, 1988, p. 296).

RECEBIDO: 29/11/2024

APROVADO: 26/01/2025

**REFERÊNCIAS**

CAMÕES, Luís de. Depois de tantos dias mal gastados. In: CAMÕES, Luís de. *Rhythmas de Lvis de Camoes, Divididas em cinco partes*. Lisboa, 1595, p. 15v.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Organização, introdução, comentários e anotações do Prof. Antônio Salgado Júnior. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988.

CAMÕES, Luís de. Se pena por amaruos se merece. In: CAMÕES, Luís de. *Rimas de Lvis de Camões Accrescentadas nesta segunda impressaõ*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1598, p. 21v.

CAMÕES, Luís de. Se quanto vos perdi minha esperança. In: CAMÕES, Luís de. *Obras completas*. Lisboa: Livraria Europea de Baudry, 1843. Tomo segundo, p. 13.

CURRAN, Kevin. “Shakespeare’s Questions”. *EUPJournalsblog*, [Edimburgo], 22 abr. 2016. Disponível em: <https://euppublishingblog.com/2016/04/22/shakespeares-questions/>. Acesso em: 9 mar. 2025.

HANSEN, João. “A Máquina do Mundo (Camões)”. *ARTEPENSAMENTO IMS*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2005. Disponível em: [https://artepensamento.ims.com.br/item/a-maquina-do-mundo-camoes/?\\_sf\\_s=A+M%C3%A1quina+do+Mundo](https://artepensamento.ims.com.br/item/a-maquina-do-mundo-camoes/?_sf_s=A+M%C3%A1quina+do+Mundo). Acesso em: 9 mar. 2025.

LINS, Osman. *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

MACEDO, Helder. “Love as Knowledge: The Lyric Poetry of Camões”. *Portuguese Studies*, v. 14, p. 51-64, 1998.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SENA, Jorge de. *Trinta anos de Camões*. Lisboa: Edições 70, 1980.

SILVA, Vitor Aguiar e. *Camões: labirintos e fascínios*. Lisboa: Cotovia, 1994.

**MINICURRÍCULO**

**KENNETH DAVID JACKSON** é professor de literatura luso-brasileira na Universidade de Yale. Doutorou-se com Jorge de Sena na Universidade de Wisconsin. Interessa-se pelos movimentos modernistas na literatura e artes, na cultura portuguesa na Ásia, na poesia, música e etnografia. Entre seus livros: *Palavras em Rebeldia: o jornalismo de Patrícia Galvão (Pagu)*; *Cannibal Angels: Transatlantic Modernism in the Brazilian Avant-garde*; *Machado de Assis: A Literary Life*; *Adverse Genres in Fernando Pessoa*; *Oxford Anthology of the Brazilian Short Story* e o CD-ROM *Luís de Camões and the First Edition of The Lusiads, 1572*. Foi professor da Fulbright no Brasil e atuou nos EUA como violoncelista em várias orquestras e num quarteto de cordas.